



PIEDADE E PAIXÃO

HERNANDES DIAS LOPES

A vida do **ministro**
é a **vida** do
seu **ministério**

2002- editora candeia
As citações bíblicas foram extraídas da Bíblia Nova Versão
Internacional, da sociedade Bíblica Internacional.

Digitalizado por: Pammella Carvalho

-E.G.-

Este livro foi digitalizado com o intuito de disponibilizar literaturas edificantes à todos aqueles que não tem condições financeiras ou não tem boas literaturas ao seu alcance.

Muitos se perdem por falta de conhecimento como diz a Bíblia, e às vezes por que muitos cobram muito caro para compartilhar este conhecimento.

Estou disponibilizando esta obra na rede para que você através de um meio de comunicação tão versátil tenha acesso ao mesmo.

Espero que esta obra lhe traga edificação para sua vida espiritual.

Se você gostar deste livro e for abençoado por ele, eu lhe recomendo comprar esta obra impressa para abençoar o autor.

Esta é uma obra voluntária, e caso encontre alguns erros ortográficos e queira nos ajudar nesta obra, faça a correção e nos envie.

Grato

Índice

Prefácio _____	Página 04
Introdução _____	Página 05
1. Piedade _____	Página 08
2. Fome por Deus _____	Página 13
3. Fome pela Palavra de Deus _____	Página 20
4. Unção _____	Página 23
5. Paixão _____	Página 26
Conclusão _____	Página 28

Dedico este livro aos doutores David Jussely e Elias Medeiros, meus professores e conselheiros, homens de vida piedosa, ministério profícuo e profundo compromisso com a exposição fiel das Escrituras.

Prefácio

A igreja evangélica brasileira está crescendo assustadora e desordenadamente. Qualquer pastor ou líder que pretende avaliar honestamente a condição em que ela se encontra, terá que fazer uma introspecção muito cuidadosa.

Por quê?

Porque a igreja é o reflexo do seu pastor.

No entanto, infelizmente, os ministros evangélicos têm sido arrastados por uma tormenta espiritual, emocional e social que desabou sobre suas casas e igrejas, comunidades e culturas.

Será que o ministério faz diferença nestes tempos moralmente atribulados e desconexos? Sim! Precisamos urgentemente de homens de Deus para liderarem os rebanhos. Porém os pastores, aqueles que têm a missão de orientar, equipar, socorrer as ovelhas, também correm sérios perigos. Com o crescimento numérico da igreja, “bebês” na fé esperam ser alimentados. O desafio é gigantesco!

Meu amigo, Pastor Hernandes Dias Lopes, que tem percorrido todo o Brasil, pregado em centenas de igrejas de várias denominações, inclusive no exterior, ouviu atentamente pastores e membros. Viu ministros sérios desenvolvendo trabalhos dignos do nome de Cristo; viu pastores íntegros e bem intencionados, porém que, por desconhecimento ou pura desobediência, quebraram princípios bíblicos e estavam recebendo dividendos vergonhosos.

Viu líderes e ministros evangélicos serem tentados, viu colegas vendendo seu ministério, seu pastorado no altar do evangelho da prosperidade. Homens que priorizam o crescimento quantitativo e financeiro, enquanto as pessoas morrem de fome por falta de instrução bíblica clara, de um pastoreio compassivo e um comprometimento irrestrito.

Depois de analisar cuidadosamente a situação da igreja, o pastor Hernandes está convencido de que a maior necessidade que ela apresenta atualmente é de uma profunda restauração espiritual na vida dos próprios pastores.

Em seu livro instigante, ele destaca a vida, o caráter do pastor, sua intimidade com Deus através do estudo da Bíblia, da oração e do jejum – e a suprema importância de ser ungido e cheio do Espírito Santo, tendo paixão pelo ministério.

Após ter lido “**Piedade e Paixão**” fui sensivelmente desafiado a refletir e avaliar minha própria vida, minha intimidade com Deus e meu ensino e pregação. Para mim, pessoalmente, este livro é um recado divino: “Cuide-se!!!”.

Jaime Kemp

Introdução

Pregadores rasos e secos pregam sermões sem poder para auditórios sonolentos.

Todos nós precisamos de modelos para viver. Aprendemos pela observação. Quando seguimos as pegadas daqueles que percorrem as veredas da probidade, visamos aos objetivos de uma vida bem-aventurada; porém, quando seguimos os modelos errados, colhemos os amargos frutos de uma dolorosa decepção. São referenciais e marcos balizadores em nosso caminho. Eles são como espelhos para nós. Quando olhamos para o espelho, vemos a nós mesmos. O espelho nos mostra quem somos e aponta-nos onde precisamos melhorar a nossa imagem. O espelho possui algumas características que lançam luz sobre a vida do pregador como um referencial para a igreja.

Em primeiro lugar, o espelho é mudo e nos mostra quem somos não pelo som, mas através da imagem. Ele não discursa, ele revela. Não alardeia, reflete. Assim deve ser o pregador. O seu sermão mais eloqüente não é o sermão pregado do púlpito, mas aquele vivido no lar, na igreja e na sociedade. Ele não prega apenas aos ouvidos, mas também aos olhos. Não prega apenas com palavras, mas sobretudo com vida e com exemplo. O exemplo não é apenas uma forma de ensinar, mas a única forma eficaz.

Em segundo lugar, o espelho deve ser limpo. Um espelho embaçado e sujo não pode refletir a imagem com clareza. Quando o pregador vive uma duplicidade, quando usa máscaras vivendo como um ator, quando fala uma coisa e vive outra, quando há um abismo entre o que professa e o que pratica, quando os seus atos reprovam as suas palavras, então ficamos confusos e decepcionados. Um pregador impuro no púlpito é como um médico que começa a fazer uma cirurgia sem fazer assepsia das suas mãos. Ele causará mais mal do que bem.

Em terceiro lugar, o espelho precisa ser plano. Um espelho côncavo ou convexo distorce e altera a imagem. Precisamos ver no pregador um exemplo de vida ilibada e irrepreensível. O pecado do líder é mais grave, mais hipócrita e mais danoso em suas conseqüências. Mais grave porque os pecados do mestre são os mestres do pecado. É mais hipócrita porque ao mesmo tempo em que ele combate o pecado em público, ele o pratica em secreto. Ao mesmo tempo que o condena nos outros, capitula-se à sua força e o abriga no coração. É mais danoso em suas conseqüências porque o líder, ao pecar contra um maior conhecimento, sua queda torna-se mais escandalosa. Quanto maior uma árvore, maior é o estrondo da sua queda. Quanto mais projeção tiver um líder, maior será a decepção com o seu fracasso. Quanto mais amada for uma pessoa, maior poderá ser a dor se ela destruir com suas próprias mãos o referencial em que ela investiu toda uma vida para nos ensinar.

Finalmente, o espelho precisa ser iluminado. Sem luz podemos ter espelho e olhos, mas ainda assim ficaremos imersos em trevas espessas. Deus é luz. Sua palavra é luz. Sempre que um líder afasta-se de Deus e da sua Palavra, a sua luz apaga-se e todos aqueles que o miravam como um alvo, ficam perdidos e confusos. Os mourões que sustentam os valores da sociedade estão caindo. As cercas estão se afrouxando. Os muros da nossa civilização estão quebrados e as portas de proteção e liberdade estão queimadas a fogo. Estamos expostos a toda sorte de influencias destrutivas, porque os nossos referenciais estão fracassando.

A crise avassaladora que atinge a sociedade, também alcança a igreja. Embora estejamos assistindo a uma explosão de crescimento da igreja evangélica brasileira, não temos visto a correspondente transformação na sociedade. Muitos

pastores, no afã de buscar o crescimento de suas igrejas, abandonam o genuíno evangelho e se rendem ao pragmatismo prevalecente da cultura pós-moderna. Buscam não a verdade, mas o que funciona; não o que é certo, mas o que dá certo. Pregam para agradar os seus ouvintes e não para levá-los ao arrependimento. Pregam o que eles querem ouvir e não o que eles precisam ouvir. Pregam um outro evangelho, um evangelho antropocêntrico, de curas, milagres e prosperidade, e não o evangelho da cruz de Cristo. Pregam não todo o conselho de Deus, mas doutrinas engendradas pelos homens. Pregam não as Escrituras, mas as revelações de seus próprios corações.

O resultado desse semi-evangelho é que muitos pastores e pregadores passam a fazer do púlpito: um balcão de negócios, uma praça de barganhas, onde as bênçãos e os milagres de Deus são comprados por dinheiro. Outros, passam a governar ovelhas de Cristo com dureza e rigor. Encastelam-se no topo de uma teocracia absolutista e rejeitam ser questionados. Exigem de seus fiéis uma obediência subserviente e cega. O resultado é o que o povo de Deus perece por falta de conhecimento e de padrões.

A crise teológica e doutrinária deságua na crise moral. Nessa perda de referenciais, muitos líderes têm caído nas armadilhas insidiosas do sexo, do poder e do dinheiro. A crise moral na vida de muitos pastores brasileiros tem sido um terremoto avassalador. Muitos ministros do evangelho que eram considerados modelos e exemplos para suas igrejas têm sucumbido na vida moral. Muitos líderes de projeção nacional têm naufragado no casamento. Não poucos são aqueles que têm dormido no colo das Dalilas e acordado como Sansão, sem poder, sem dignidade, sem autoridade, ficando completamente subjugados pelas mãos do inimigo. A cada ano cresce o número de pastores que naufragam no ministério por causa de sexo, dinheiro e poder. É assustador o número de pastores que estão no ministério, subindo ao púlpito a cada domingo, exortando o povo de Deus à santidade, combatendo tenazmente o pecado e ao mesmo tempo vivendo uma duplicidade, uma mentira dentro de casa, sendo maridos insensíveis e infiéis, pais autocráticos e sem nenhuma doçura com os filhos. Há muitas esposas de pastor vivendo o drama de ter um marido exemplar no púlpito e um homem intolerante dentro de casa. Há muitos pastores que já perderam a unção e continuam no ministério sem chorar pelos seus próprios pecados. Não são poucos aqueles que em vez de alimentar o rebanho de Cristo, têm apascentado a si mesmos. Em vez de proteger o rebanho dos lobos vorazes, são os próprios lobos vestidos de toga. Charles Spurgeon dizia que um pastor infiel é o melhor agente de satanás dentro da igreja.

O número de pastores e líderes que estão abandonando o lar, renegando os votos firmados no altar, divorciando-se por motivos banais, não permitidos por Deus, e casando-se novamente é estonteante. Esta perda de referencial é como um atentado terrorista contra a igreja de Deus. Ela produz perdas irreparáveis, sofrimento indescritível, choro inconsolável e feridas incuráveis. O pior é que o nome de Deus é blasfemado entre os incrédulos por causa desses escândalos.

A classe pastoral está em crise. Crise vocacional, crise familiar, crise teológica, crise espiritual. Quando os líderes estão em crise a igreja também está. A igreja reflete os seus líderes. Não existem líderes neutros. Eles são uma bênção ou um entrave para o crescimento da igreja.

A crise pastoral é refletida diretamente no púlpito. Estamos vendo o empobrecimento dos púlpitos. Poucos são os pastores que se preparam convenientemente para pregar. Há muitos que só preparam a cabeça, mas não o coração. São cultos, mas são vazios. São intelectuais, mas são áridos. Têm luz, mas não tem fogo. Têm conhecimento, mas não têm unção. Pregadores rasos e secos pregam sermões sem poder para auditórios sonolentos. Se quisermos um reavivamento genuíno na igreja evangélica brasileira, os pastores são os primeiros que terão que acertar suas vidas com Deus.

É tempo de orarmos por um reavivamento na vida dos pastores. É tempo de pedirmos a Deus que nos dê pastores segundo o seu coração. Precisamos de homens cheios do Espírito, de homens que conheçam a intimidade de Deus. John Wesley dizia: “Dá-me cem homens que não amem ninguém mais do que a Deus e que não temam nada senão o pecado, e com eles eu abalarei o mundo”.

Quando o pastor é um graveto seco que pega o fogo do Espírito, até lenha verde começa a arder.

1

Piedade

Precisamos desesperadamente, sobretudo, de pregadores piedosos

Uma das áreas mais importantes da pregação é a vida do pregador. John Stott afirma que a prática da pregação jamais pode ser divorciada da pessoa do pregador. A pregação com consistente exegese, sólida teologia e brilhante apresentação não glorificará a deus, não alcançará os perdidos nem edificará os crentes sem um homem santo no púlpito. O que nós precisamos desesperadamente nestes dias não é apenas pregadores eruditos, mas sobretudo, pregadores piedosos. Errol Hulse define pregação como sagrada eloquência através de um embaixador cuja vida deve ser consistente em todos os aspectos com a mensagem que ele proclama. A vida do pregador fala mais alto que os seus sermões. “A ação fala mais alto que as palavras. Exemplos influenciam mais que preceitos”. E. M. Bounds descreve esta realidade da seguinte maneira:

Volumes têm sido escritos ensinando detalhadamente a mecânica da preparação do sermão. Temos nos tornado obcecados com a idéia de que estes andaimes são o próprio edifício. O pregador jovem tem sido ensinado a gastar toda a sua força na forma, estilo e beleza do sermão como um produto mecânico e intelectual. Como consequência, temos cultivado esse equivocado conceito entre o povo e levantado um clamor por talento em vez de graça. Temos enfatizado eloquência em vez de piedade, retórica em vez de revelação, fama e desempenho em vez de santidade. O resultado é que temos perdido a verdadeira idéia do que seja pregação. Temos perdido a pregação poderosa e a pungente convicção de pecado... Com isto não estamos dizendo que os pregadores estão estudando muito. Alguns deles não estudam. Outros não estudam o suficiente. Muitos não estudam ao ponto de se apresentarem como obreiros aprovados que não tem de que se envergonhar (II Timóteo 2.15). Mas nossa grande falta não é em relação à cultura da cabeça, mas à cultura do coração. Não é falta de conhecimento, mas falta de santidade... Não que conheçamos muito, mas é que não meditamos o suficiente sobre Deus e sua Palavra. Nós não temos vigiado, jejuado e orado o suficiente.

A vida do ministro é a vida do seu ministério. “A pregação poderosa está enraizada no solo da vida do pregador”. Uma vida ungida produz um ministério ungido. Santidade é o fundamento de um ministério poderoso. Piedade é um vital necessidade na vida de todo pregador. Errol Hulse define piedade:

Piedade é uma constante cultura da vida interior de santidade diante de Deus e para deus, que por sua vez se aplica em todas as outras esferas da vida prática. Piedade consiste de oração junto ao trono de Deus, estudo de sua Palavra em sua presença e a manutenção da vida de Deus em nossas almas, que afeta toda a nossa maneira de viver.

R. L. Dabney diz que a primeira qualificação de um orador sacro é uma sincera e profunda piedade. Um ministro do evangelho sem piedade é um desastre. Infelizmente, a santidade que muitos pregadores proclamam é cancelada pela impiedade de suas vidas. Há um divórcio entre o que os pregadores proclamam e o que eles vivem. Há um abismo entre o sermão e a vida, entre a fé e as obras. Muitos pregadores não vivem o que pregam. Eles condenam o pecado no púlpito e o praticam

em secreto. Charles Spurgeon chega a afirmar que “o mais maligno servo de satanás é o ministro infiel do evangelho”.

John Shaw diz que enquanto a vida do ministro é a vida do seu ministério, os pecados do ministro são os mestres do pecado. Ele ainda afirma que é uma falta indesculpável no pregador quando os crimes e pecados que ele condena nos outros, são justamente praticados por ele. O apóstolo Paulo evidencia esse grande perigo:

“Tu, pois, que ensinas a outrem, não te ensinas a ti mesmo? Tu, que pregas que não se deve furtar, furtas? Dizes que não se deve cometer adultério e o cometes? Abominas os ídolos e lhes roubas os templos? Tu, que te glorias na lei, desonras a Deus pela transgressão da lei? Pois, como está escrito, o nome de Deus é blasfemado entre os gentios por vossa causa”. Rm 2.21-24

Richard Baxter diz que os pecados do pregador são mais graves do que os pecados dos demais homens, porque ele peca contra o conhecimento. Ele peca contra mais luz. Os pecados do pregador são mais hipócritas, porque ele tem falado diariamente contra eles. Mas também os pecados do pregador são mais pífidos, porque ele tem se engajado contra eles. Antes de pregar aos outros, o pregador precisa pregar a si mesmo. Antes de atender sobre o rebanho de Deus, o pregador precisa cuidar de sua própria vida (Atos 20.28). Conforme escreve Thielicke, “seria completamente monstruoso para um homem ser o mais alto em ofício e o mais baixo em vida espiritual; o primeiro em posição e o último em vida”.

É bem conhecido o que disse Stanley Jones, que “o maior inimigo do cristianismo não é o anticristianismo, mas o ‘subcristianismo’”. O maior perigo não vem de fora, mas de dentro. Não há maior tragédia para a igreja do que um pregador ímpio e impuro no púlpito. Um ministro mundano representa um perigo maior para a igreja do que falsos profetas e falsas filosofias. É um terrível escândalo pregar a verdade e viver uma mentira, chamar o povo à santidade e viver uma vida impura. Um pregador sem piedade é uma contradição, um inaceitável escândalo. Um pregador sem piedade presta um grande desserviço ao Reino de Deus. William Evans adverte:

O pregador precisa ser puro em todos os hábitos de sua vida. Pequenas raposas destroem a vinha. Ele não pode ter hábitos impuros nem vícios secretos. Deus abertamente exporá a vergonha pública aqueles que cometem seus pecados em secreto. A vida de Davi é uma ilustração dessa verdade (II Samuel 12.12). A exortação de Paulo a Timóteo é pertinente: fuja das paixões da mocidade. O pregador será privado do poder no púlpito se não for limpo em sua vida privada. Não poderá pregar ao seu povo com poder se sabe que sua vida é impura. A confiança do povo repreenderá a sua hipocrisia. Se um pregador não purificar a si mesmo não será um vaso de honra nem poderá ser usado pelo divino Mestre para toda a boa obra.

Segundo Charles Spurgeon “é uma coisa horrível ser um ministro inconsistente”. O apóstolo João adverte: “Aquele que diz que permanece nele, esse deve também andar assim como ele andou” (I Jo 2.6). O apóstolo Paulo dá o seu testemunho: “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (I Co 11.1). Pedro e João disseram ao paralítico que estava mendigando à porta do templo: “Olha para nós.” (At 3.4). Gideão disse aos seus soldados: “Olhai para mim e fazei como eu fizer”. (Jz 7.17). O pregador deve ser um modelo para todos os crentes (I Tm 4.16). Quando os pregadores não são coerentes, a sua pregação torna-se vazia, pobre e infrutífera. Eloquência sem piedade não pode gerar verdadeiros crentes. Ortodoxia sem piedade produz morte e não vida.

Em I Timóteo 6.11-14, Paulo lista quatro marcas de um homem de Deus. Um homem de Deus deve ser identificado por aquilo que *foge*, por aquilo que *segue*, por aquilo pelo qual *luta* e por aquilo ao qual é *fiel*. A Bíblia não é um livro silencioso a respeito da necessidade imperativa do caráter íntegro e da profunda piedade do pregador. O apóstolo Paulo adverte seu filho Timóteo: “Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina” (I Tm 4.16). Em suas cartas a Timóteo (I Tm 3.1-7) e a Tito (Tt 1.5-9), Paulo oferece um check-up para o pregador; na primeira carta aos Tessalonicenses (2.1-12), aprofunda o tema sobre a vida do pregador. Nesse texto, Paulo apresenta três solenes

princípios. Primeiro, o pregador precisa de uma *missão concedida pelo próprio Deus* (v.12). Segundo, o pregador precisa de uma *genuína motivação* (v. 3-6). Terceiro, o pregador precisa de *maneiras gentis*. O apóstolo Paulo dá o seu próprio exemplo. Ele era como uma mãe para o seu povo (v.7-8), era como um trabalhador (v.9-10) e comparou-se a um pai (v.11-12).

Muitas das derrotas que os pregadores têm sofrido é porque não tem fome de santidade. Infelizmente, muitos pregadores estão vivendo como atores. Representam diante do povo o que não vivem em seus lares ou em suas vidas privadas. Usam máscara, vivem uma mentira, pregam sem poder e levam a congregação a dormir ou se entediar com sermões vazios e secos. Muitos pregadores pretendem ser no púlpito o que não são na realidade. Piedade no púlpito precisa ser acompanhado de piedade no lar. É impossível ser um pregador eficaz e ao mesmo tempo um mau marido ou pai. Nem ser boca de Deus e carregar ao mesmo tempo um coração ensopado e entupido de impureza (Jr 15.19). Não é possível lidar de forma elevada e santa com as coisas espirituais e lidar de forma má e impura com as coisas terrenas. A. N. Martin afirma: “Muitos ministérios de alguns preciosos servos de Deus estão fracassando pelo insucesso da prática de piedade no reino da vida doméstica”.

Piedade é um estilo de vida. Isto inclui vida doméstica, relacionamento do marido com a esposa e do pai com os filhos. O apóstolo Paulo exorta, “Pois, se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus?” (I Tm 3.5). Assim, um ministro sem piedade não tem autoridade para pregar o santo evangelho. Não atrai pessoas para a igreja, antes as repele. Ele não constrói pontes para aproximar-se das pessoas; cava abismos para separá-las do Senhor. Charles Spurgeon afirma que “A vida do pregador deveria ser como um instrumento magnético a atrair as pessoas para Cristo; mas é triste constatar que muitos pregadores afastam as pessoas de Cristo”. Ministros sem piedade têm sido o principal impedimento para o saudável crescimento da igreja. É bem conhecido o que Dwight Moody disse: “O principal problema da obra são os obreiros”. Semelhantemente, David Eby escreve: “Os pregadores são o problema da pregação”.

No Brasil e ao redor do mundo muitos pregadores têm caído em terríveis pecados morais, provocando escândalos e produzindo grande sofrimento ao povo de Deus. Catástrofes espirituais que vão de pastores adúlteros a divórcio na família pastoral têm se tornado inaceitavelmente muito freqüente. Charles Colson comenta:

“O índice de divórcio entre os pastores está aumentando mais rápido do que entre outras profissões. Os números mostram que um em cada dez tem tido envolvimento sexual com um membro de sua congregação e vinte e cinco por cento têm tido contato sexual ilícito”.

A única maneira de viver uma vida pura é guardar puro o coração através da meditação da Palavra (Sl 119.9). Salomão exorta: “*Sobre tudo o que deves guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida*” (Pv 4,23). Jó disse que fez uma aliança com os seus próprios olhos, de não fixa-los com lascívia em uma donzela (Jó 31.1). Aquele que guarda o seu coração bem como os seus olhos estará seguro. Adultério tem sido a principal causa da queda de muitos ministros hoje. Todos os pregadores devem estar alerta.

Há, contudo, muitos pregadores que vivem uma vida mundana e mesmo assim, recebem muitas pessoas em suas igrejas. Para alcançar seus objetivos, esses pregadores se rendem a filosofia pragmática. Para eles, o importante não é mais a verdade, mas o que funciona; não o que é certo, mas o que dá certo. Assim, muitos têm mudado a mensagem e pregado um outro evangelho (Gl 1.6-8). Mas, o sucesso desses pregadores aos olhos dos homens não representa necessariamente sucesso aos olhos de Deus. O crescimento numérico não é o único critério pelo qual devemos analisar um verdadeiro ministro e uma bem sucedida e fiel igreja. Deus não julga a aparência, mas as motivações e intenções do coração. Ele requer que os seus dispenseiros sejam encontrados fiéis (I Co 4.1-2).

Mudar a mensagem e pregar o que o povo quer ouvir e não o que precisa ouvir; mercadejar a Palavra de Deus para atrair pessoas à igreja é um caminho errado para conduzir a igreja ao crescimento. Alistair Begg citando Dick Lucas, escreve: “*Os bancos não podem controlar o púlpito*”. O pregador não pode ser seduzido pelas leis do mercado. Ele não prega para agradar os ouvintes, mas para levá-los ao arrependimento. As pessoas precisam sair do templo não alegres com o pregador, mas tristes consigo mesmas. O pregador não é um animador de auditório, é um arauto de Deus. Sua agenda de pregação não é determinada pelos grandes temas discutidos pela humanidade, mas pelas próprias Escrituras. O pregador não sobe ao púlpito para entreter ou agradar seus ouvintes, mas para anunciar-lhes todo o desígnio de Deus. Sem uma pregação fiel não há santidade. Sem santidade não há salvação. Sem santidade ninguém verá a deus. A Palavra de Deus não pode ser mudada, atenuada ou torcida para agradar os ouvintes. Ela é imutável. O pregador precisa pregar a Palavra integralmente, completamente e fielmente. Ortodoxia é a base da santidade. Teologia é a mãe da ética. Piedade deve ser fundamentada na verdade. Piedade sem ortodoxia é misticismo, e misticismo deve ser rejeitado.

John Piper comentando sobre a vida e o ministério de Jonathan Edwards, diz que a experiência deve estar fundamentada na verdade. “Calor e luz, fogo e brilho são essenciais para trazer luz à mente porque afeições que não brotam da apreensão da verdade pela mente não são afeições santas”.

Há muitas igrejas cheias de pessoas vazias e vazias de pessoas cheias de Deus, porque os pastores estão produzindo discípulos que se conformam com a sua própria imagem e semelhança. Por isso, estamos vendo o crescimento vertiginoso da igreja evangélica brasileira, mas não estamos vendo transformação da sociedade. Se o pregador não é um homem de Deus, se vive uma vida misturada com o mundo, se é um pregador sem piedade, será uma pedra de tropeço e não um exemplo para sua igreja. Hipocrisia sempre repele. Um pregador impuro não permanece por muito tempo no ministério sem ser desmascarado. Um pregador jamais será uma pessoa neutra. Ele é uma bênção ou uma maldição!

A falta de piedade é uma coisa terrível, especialmente na vida dos ministros do evangelho. Mas outro perigo insidioso é ortodoxia sem piedade. Há muitos pastores pregando sermões bíblicos, doutrinas ortodoxas, mas seus sermões estão secos e sem vida. E. M. Bounds diz que a pregação que mata pode ser, e geralmente é, dogmaticamente e inviolavelmente ortodoxa. A ortodoxia é boa. Ela é melhor. Mas, nada é tão morto quanto a ortodoxia morta.

Geralmente os pregadores fecham-se em seus escritórios de estudo e tornam-se peritos fazedores de sermões. Isto é bom e necessário, mas preparação intelectual sem piedade dá ao pregador uma boa performance, mas não poder espiritual. Pregação sem santidade não pode transformar vidas; não pode produzir o crescimento da igreja. “Sem oração, o pregador cria morte e não vida”.

Richard Baxter escreve: *Não se contente em apenas estar em estado de graça, mas também seja cuidadoso para que esta graça seja guardada em vigoroso e vivo exercício em sua vida. Pregue para você mesmo o sermão que você estuda, antes de pregá-lo para os outros. Faça isso por amor a você e por amor à igreja. Quando sua mente estiver embebida com as coisas santas e celestiais, seu povo usufruirá desses frutos. Suas orações, louvores e doutrina serão doces e celestiais para eles. Seu povo irá saber quando você gastou muito tempo com Deus. Então, aquilo que deleitou seu coração também deleitará os seus ouvidos.*

Infelizmente, muitos ministros têm somente a aparência de piedade. Professam uma fé ortodoxa, mas vivem uma pobre vida espiritual. Não têm vida devocional. Não têm vida de oração. Apenas fazem orações rituais e profissionais. Contudo, orações profissionais ajudam apenas a pregação a realizar o seu trabalho de morte. Orações profissionais, diz E.M. Bounds, “insensibilizam e matam tanto a pregação quanto a própria oração”. É triste dizer que muito poucos ministros têm

qualquer hábito devocional sistemático e pessoal. O pastor é diante das pessoas o que ele é de joelhos, em secreto, diante do Deus Todo-poderoso, e nada mais.

Piedade também não é uma matéria de imitação. Cada pregador deve cultivar seu próprio relacionamento com o Senhor. O pregador não deve copiar outros pregadores. Cada um deve desenvolver a sua própria relação de intimidade com Deus e seu próprio estilo de pregação. Willian Evans corretamente comenta:

Se o seu nome é Davi e você foi chamado para matar o seu Golias, então não cobice a armadura de Saul, mas pegue a sua própria funda com as pedras e pela ajuda de Deus o altivo gigante cairá e beijará o pó. O pregador deve ser ele mesmo. Deve apresentar o melhor de si mesmo. Deve consagrar o melhor de si mesmo. Fazendo assim, demonstrará sua sinceridade, honrará o seu Deus, e se tornará um instrumento de bênção para o povo sobre quem ministra.

Certamente piedade é uma conseqüência de uma vida devocional. Errol Hulse comentando sobre a vida de Lutero diz que sua piedade pode ser comparada a um fogo, um fogo de devoção diante de Deus. Hulse declara que a piedade de João Calvino e seu relacionamento pessoal como Senhor Jesus Cristo, foi sua linha de defesa contra as pressões do seu ministério. A pregação que fracassa hoje, fracassa porque não está enraizada em uma vida devocional profunda por parte dos pregadores. O pregador deveria ir geralmente da presença de Deus para a presença dos homens. Semelhantemente, E. M. Bound diz que, “uma vida santa não é vivida em secreto”. Antes de levantar-se diante dos homens o pregador deve viver na presença de Deus. Antes de alimentar o povo de Deus, o pregador deve alimentar o seu próprio coração. Antes de pregar ao povo de Deus, o pregador deve aplicar a Palavra á sua própria vida. A parte mais importante do sermão é o homem atrás dele. E.M. Bounds escreve:

O homem; todo homem está atrás do sermão. Pregação não é a performance de uma hora. Pelo contrário, é o produto de uma vida. Leva-se vinte anos para fazer um sermão, porque gasta-se vinte anos para fazer um homem. O verdadeiro sermão é algo vivo. O sermão cresce porque o homem cresce. O sermão é vigoroso porque o homem é vigoroso. O sermão é santo porque o homem é santo. O sermão é cheio da unção divina porque o homem é cheio da unção divina.

Spurgeon declara que nós somos em certo sentido as nossas próprias ferramentas, e portanto, devemos guardar-nos em ordem. Nosso próprio espírito, alma, corpo e vida interior são as nossas mais íntimas ferramentas para o serviço sagrado. A chave para uma robusta pregação poderosa é uma robusta piedade pessoal. A pregação poderosa não acontece num vácuo. Ela sempre tem lugar na vida de uma pessoa piedosa e santa. Spurgeon cita John Owen: “Ninguém prega seu sermão bem para os outros, se não prega primeiro para o seu próprio coração”. Não lute para ser um tipo de pregador. Lute para ser um tipo de pessoa”.

Martyn Lloid Jones comenta sobre Robert Murray McCheyne, um pregador da Escócia no século XIX:

É o comentário geral que quando aparecia no púlpito, mesmo antes de dizer uma única palavra, o povo já começava a chorar silenciosamente. Por que? Por causa deste elemento de seriedade. Todos tinham a absoluta convicção de que ele subia no púlpito vindo da presença de Deus e trazendo uma palavra da parte de Deus para eles.

O próprio Robert Murray McCheyne resume este tópico nestas palavras: “Não é a grandes talentos que Deus abençoa de forma especial, mas a grande semelhança com Jesus. Um ministro santo é uma poderosa e tremenda arma nas mãos de Deus”.

2

Fome por Deus

Oração e Jejum

O pregador deve ser prioritariamente um homem de oração e jejum. O relacionamento do pregador com Deus é a insígnia e a credencial do seu ministério público. Os pregadores que prevalecem com Deus na vida pessoal de oração são os mais eficazes em seus púlpitos.

Oração

A oração precisa ser prioridade tanto na vida do pregador como na agenda da igreja. A profundidade de um ministério é medida não pelo sucesso diante dos homens, mas pela intimidade com Deus. A grandeza de uma igreja é medida não pela beleza de seu edifício ou pela pujança de seu orçamento, mas pelo seu poder espiritual através da oração. No século dezenove Charles Haddon Spurgeon disse que em muitas igrejas a reunião de oração era apenas o esqueleto de uma reunião, onde as pessoas não mais compareciam. Ele concluiu que “se uma igreja não ora, ela está morta”.

Infelizmente, muitos pregadores e igrejas têm abandonado o alto privilégio de uma vida abundante de oração. Hoje nós gastamos mais tempo com reuniões de planejamento do que com oração. Dependemos mais dos recursos dos homens que dos de Deus. Confiamos mais no preparo humano, que na capacitação divina. Consequentemente, temos visto muitos pregadores eruditos no púlpito, mas temos ouvido uma imensidão de mensagens fracas. Muitos pregadores têm pregado sermões eruditos, porém sem o poder do Espírito Santo. Eles têm luz em suas mentes, contudo não têm fogo no coração. Tem erudição, mas não têm poder. Têm fome de livros, mas não têm Deus. Eles amam o conhecimento, mas não buscam intimidade com Deus. Pregam para a mente, e não para o coração. Eles têm uma boa performance diante dos homens, mas não diante de Deus. Gastam muito tempo preparando seus sermões, mas não preparando seus corações. Sua confiança está firmada na sabedoria humana e não no poder de Deus.

Homens secos pregam sermões secos e sermões secos não produzem vida. Como escreve E. M. Bounds, “homens mortos pregam sermões mortos, e sermões mortos matam”. Sem oração não existe pregação poderosa. Charles Spurgeon diz que “todas as nossas bibliotecas e estudos são um mero vazio comparado com a nossa sala de oração. Crescemos, lutamos e prevalecemos na oração ‘em secreto’.” Arturo Azurdia cita Edward Payson, afirmando que “é no lugar secreto de oração que a batalha é perdida ou ganha”. A oração tem uma importância transcendente, porque ela é o mais poderoso instrumento para promover a Palavra de Deus. É mais importante ensinar um estudante a orar do que a pregar.

Se desejamos ver a manifestação do poder de Deus, se desejamos ver vidas sendo transformadas, se desejamos ver um saudável crescimento da igreja, então devemos orar regularmente, privativa, sincera e poderosamente. O profeta Isaías diz que a nossa oração deve ser perseverante, expectante, confiante, ininterrupta, importuna e vitoriosa (Is 62.6-7). O inferno treme quando uma igreja se dobra diante

do Senhor Todo-Poderoso para orar. A oração move a mão onipotente de Deus. Quando a igreja ora, os céus se movem, o inferno treme e coisas novas acontecem na terra; “quando nós trabalhamos, nós trabalhamos; mas quando nós oramos, Deus trabalha”. A oração não é o oposto de trabalho; ela não paralisa a atividade. Em vez disto, oração é em si mesma o maior trabalho; ela trabalha poderosamente, deságua em atividade, estimula o desejo e o esforço.

Oração não é um ópio, mas um tônico; não é um calmante para o sono, mas o despertamento para uma nova ação. Um homem preguiçoso não ora e não pode orar, porque a oração demanda energia. O apóstolo Paulo considera oração como uma luta e uma luta agônica (Rm 15.30). Para Jacó a oração foi uma luta com o Senhor. A mulher sirofenícia com o Senhor através da oração até que saiu vitoriosa.

Antes de falar aos homens, o pregador precisa viver diante de Deus. A oração é o oxigênio do ministério. “A vida de oração do ministro e da igreja são o fundamento da pregação eficaz”.

A oração traz poder e refrigério à pregação, tem mais poder para tocar os corações do que milagres de palavras eloqüentes. Como pregadores, devemos ser uma voz a falar em nome de Deus, como João Batista (Mt 3.3), que pregou não no templo, não numa catedral ilustre, não nos salões adornados dos reis, mas no deserto e grandes multidões iam ouvi-lo, sendo confrontadas pela sua poderosa mensagem (Mt 3.5-10; Lc 3.7-14). Não basta ser um eco, é preciso ser uma voz. Não basta pregar, precisamos ser boca de Deus. O profeta Elias viveu na presença de Deus (I Rs 17.1; 18.15); orou intensa, persistente e vitoriosamente (Tg 7.17-18). Por conseqüência, experimentou a intervenção de Deus em sua vida e em seu ministério. A viúva de Sarepta testificou a seu respeito, “Nisto conheço agora que tu és homem de Deus e que a palavra do Senhor na tua boca é verdade” (I Rs 17.24). Muitos ministros pregam a Palavra de Deus, mas não são boca de Deus. Falam sobre o poder, mas não têm poder em suas vidas. Pregam sobre vida abundante, mas não tem vida abundante. Suas vidas contradizem a sua mensagem.

David Eby comentando sobre a importância da oração na vida do pastor, diz que a “oração é a estrada de Deus para ensinar o pastor a depender do poder de Deus, é a avenida de Deus para os pastores receberem graça, ousadia, sabedoria e amor para ministrarem a Palavra”.

Muitos pregadores crêem na eficácia da oração, mas poucos pregadores oram. Muitos ministros pregam sobre a necessidade da oração, mas poucos ministros oram. Eles lêem muitos livros sobre oração, mas não oram. Têm bons postulados teológicos sobre oração, mas não têm fome por Deus. Em muitas igrejas as reuniões de oração estão agonizando. As pessoas estão muito ocupadas para orar. Elas têm tempo para viajar, trabalhar, ler, descansar, ver televisão, falar sobre política, esportes e teologia, mas não gastam tempo orando. Consequentemente nós temos, às vezes, gigantes do conhecimento no púlpito, que são pigmeus no lugar secreto de oração. Tais pregadores conhecem muito a respeito de Deus, mas muito pouco a Deus.

Pregação sem oração não provoca impacto. Sermão sem oração é sermão morto. Não estaremos preparados para pregar enquanto não orarmos. Lutero tinha um moto: “Aquele que orou bem, estudou bem”. David Larsen cita Karl Barth: “Se não há grande agonia em nossos corações, não haverá grandes palavras em nossos lábios”.

O que precisamos fazer? Nossa primeira e maior prioridade no ministério é voltarmos-nos para Deus em fervente oração. A obra de Deus não é a nossa prioridade, mas sim o Deus da obra. Jerry Vines escreve:

“O pregador muitas vezes gasta grande parte do seu tempo lidando com as coisas de Deus; lê sua Bíblia para preparar sermões; estuda comentários; lidera as reuniões e os grupos de oração. Está constantemente falando a linguagem de Sião. Mas o acúmulo desta obra santa pode endurecer a consciência da necessidade de estar a sós com Deus em sua própria vida pessoal”.

Realizar a obra de Deus sem oração é presunção. Novos métodos, planos e organizações para levar a igreja ao crescimento saudável, sem oração, não são os

métodos de Deus. “A igreja está buscando melhores métodos; Deus está buscando melhores homens”. E. M. Bounds corretamente comenta:

“O que a igreja precisa hoje não é de mais ou melhores mecanismos, nem de nova organização ou mais e novos métodos. A igreja precisa de homens a quem o Espírito possa usar, homens de oração, homens poderosos em oração. O Espírito Santo não flui através de métodos, mas através de homens. Ele não vem sobre mecanismos, mas sobre homens. Ele não unge planos, mas homens. Homens de oração!”

Quando a igreja cessa de orar, deixa de crescer. O diabo trabalha continuamente para impedir a igreja de orar. Ele tem muitas estratégias. O diabo usou três estratégias para neutralizar o crescimento da igreja apostólica em Jerusalém: perseguição (Atos 4), infiltração (Atos 5) e distração (Atos 6). Mas os apóstolos enfrentaram todos esses ataques com oração. Eles entenderam que a oração e a Palavra de Deus devem caminhar juntos. “A oração e o ministério da Palavra permanecerão de pé ou cairão juntos”. Os apóstolos decidiram, “quanto a nós, nos consagraremos á oração e ao ministério da Palavra” (At 6.4). Sobre este texto Charles Bridges afirmou: “Oração é a metade do nosso ministério; e ela dá á outra metade todo o seu poder e sucesso”. Oração e palavra são os maiores princípios do crescimento da igreja no livro de Atos. Oração e pregação são os instrumentos providenciados por Deus para conduzir sua própria igreja ao crescimento. David Eby interpreta muito bem quando diz que, “O manual de Deus sobre o crescimento da igreja vincula pregação e oração como aliados inseparáveis”. Entrementes, oração vem primeiro, porque pregação sem oração não tem vida nem pode produzir vida. A pregação poderosa requer oração. A pregação ungida e o crescimento da igreja requerem oração.

“Pastor, você deve orar. Orar muito. Orar intensamente e seriamente, zelosamente e entusiasticamente, com propósito e com determinação. Orar pelo ministério da Palavra entre o seu rebanho e em sua comunidade. Orar pela sua própria pregação. Mobilize e recrute seu povo para orar pela sua pregação. Pregação poderosa não acontecerá à parte da sua própria oração. Oração freqüente, objetiva, intensa e abundante é requerida. A pregação torna-se poderosa quando um povo fraco ora humildemente. Esta é a grande mensagem do livro de Atos. O tipo de pregação que produz o crescimento da igreja vem pela oração. Pastor, dedique-se à oração. Continue em oração. Persista em oração por amor da glória de Deus no crescimento da igreja” David Eby.

Todos os pregadores usados por Deus foram homens de oração: Moisés, Samuel, Elias, os apóstolos e, acima de tudo, Jesus, nosso supremo exemplo. O evangelista Lucas escreveu seu evangelho para os gentios mostrando Jesus como o homem perfeito. Lucas, mais que qualquer outro evangelista, registrou a intensa vida de oração de Jesus. No rio Jordão Jesus orou e o céu se abriu. O Pai confirmou o seu ministério e o Espírito Santo desceu sobre Ele (Lc 3.21-22). Cheio do Espírito Santo, Jesus retornou do Jordão e foi conduzido ao deserto, onde por quarenta dias jejuou e orou, triunfando sobre as tentações do diabo (Lc 4.1-13).

Para Jesus a oração era mais importante do que o sucesso no ministério. Quando a multidão veio ouvi-lo pregar, foi para um lugar tranqüilo e solitário para orar (Lc 5.15-17). “Diferentemente de alguns pregadores de hoje, Jesus maravilhosamente entendeu que a oração deveria ocupar um lugar prioritário em seu ministério e em sua agenda”. Jesus escolheu os seus discípulos depois de uma noite inteira de oração (Lc 6.12-16). Foi preparado para enfrentar a cruz através da oração (Lc 9.28-31). Jesus orou no jardim do Getsêmani, derramando seu próprio sangue para realizar a vontade de Deus (Lc 22.39-46). Orou também sobre a cruz, abrindo a porta do céu para o penitente e arrependido malfeitor crucificado ao seu lado direito (Lc 23.34-43). Jesus está orando em favor do seu povo junto ao trono de Deus e irá interceder por ele até a sua segunda vinda (Rm 8.34; Hb 7.25). A vida de Jesus é o supremo exemplo que temos sobre oração.

O mesmo Espírito de oração que estava sobre Jesus foi derramado sobre os discípulos na festa do Pentecoste. Então, eles passaram a orar continuamente. James Rosscup comenta:

“A oração foi um dos quatro princípios básicos dos cristãos (At 2.42)... Os crentes oraram de forma regular e sistemática (At 3.1; 10.9) bem como nos momentos de urgência. Pedro e João foram modelos de oração. Eles foram o canal que Deus usou para a cura do homem paralítico (At 3.7-10). Mais tarde, oraram com outros irmãos para que Deus lhes desse poder para testemunhar com ousadia (At 4.29-31); uma oração que Deus respondeu capacitando-os a enfrentar com galhardia seus inimigos. Eles foram revestidos de poder, tornaram-se profundamente unidos e se dispuseram a dar suas próprias vidas pelo evangelho. Mais tarde, os apóstolos revelaram a grande prioridade de suas vidas, quando decidiram: ‘quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da Palavra’”.

Os maiores e mais conhecidos pregadores da história foram homens de oração. João Crisóstomo, Agostinho, Martinho Lutero, João Calvino, João Knox, Richard Baxter, Jonathan Edwards e muitos outros. Charles Simeon, uma reavivalista inglês, devotava quatro horas por dia a Deus em oração. John Wesley gastava duas horas por dia em oração. John Fletcher, um clérigo e escritor inglês, marcava as paredes do seu quarto com o hálito das suas orações. Algumas vezes, ele passava a noite toda em oração. Lutero dizia: “se eu fracassar em investir duas horas em oração cada manhã, o diabo terá vitória durante o dia”. David Brainerd dizia: “Eu amo estar só em minha cabana, onde posso gastar muito tempo em oração”.

John Wesley fala-nos em seu jornal sobre o poder da oração comentando sobre o dia solene de oração e jejum a que o rei da Inglaterra convocou a nação em razão da ameaça de invasão da França:

“O dia de jejum foi um dia glorioso, tal como Londres raramente tinha visto desde a restauração. Todas as igrejas da cidade estavam superlotadas. Havia um senso de profunda reverência em cada rosto. Certamente Deus ouviu as orações e deu-nos vitória e segurança contra os inimigos”.

Uma nota de rodapé foi acrescentada mais tarde, “o quebrantamento e humildade do povo diante de Deus transformou-se em um regozijo nacional, visto que a ameaça da invasão pela França foi afastada”.

Charles Finney dedicou-se a vigílias especiais de oração e jejum. Pregando depois de muita oração, viu Deus trazendo grandes bênçãos para o seu ministério. Ele estava profundamente convencido sobre a importância da oração.

“Sem oração você será tão fraco quanto a própria fraqueza. Se perder o seu espírito de oração, você não poderá fazer nada ou quase nada, embora tenha o dom intelectual de um anjo”.

Charles Spurgeon diz que ninguém está mais preparado para pregar aos homens do que aqueles que lutam com Deus em favor dos homens. Se não prevalecermos com os homens em nome de Deus, devemos prevalecer com Deus em favor dos homens.

Spurgeon via as reuniões de oração das segundas-feiras no Tabernáculo Metropolitano de Londres como o termômetro da igreja. Por vários anos uma grande parte do principal auditório e primeira galeria estavam completamente cheios nas reuniões de oração. Na concepção de Spurgeon, a reunião de oração era “a mais importante reunião da semana”. Ele atribuiu o sinal da bênção de Deus sobre o seu ministério em Londres à fidelidade do seu povo orando por ele.

Dwight L. Moody, fundador do Instituto Bíblico Moody, normalmente via Deus agindo com grande poder quando outras pessoas oravam pelas suas reuniões na América e além mar. A. R. Torrey pregou em muitos países e viu grandes manifestações do poder de Deus. Ele disse: “ore por grandes coisas, espere grandes coisas, trabalhe por grandes coisas, mas acima de tudo ore”. A oração é a chave que abre todos os tesouros da infinita graça e poder de Deus.

Robert Murray McCheyne, grande pregador escocês, exortava sempre o seu povo a voltar-se para a Bíblia e para a oração. Como resultado, mais de trinta reuniões de oração aconteciam semanalmente na igreja de Dundee, Escócia, cinco das quais eram reuniões de oração das crianças.

No ano de 1997, juntamente com oitenta pastores brasileiros, visitei a Coréia do Sul, para fazer uma pesquisa sobre o crescimento da igreja. Visitamos onze grandes igrejas em Seul – igrejas locais entre dez mil e setecentos mil membros. Em todas essas igrejas testificamos que a principal causa do crescimento foi a intensa vida de oração. Nenhuma igreja evangélica pode ser organizada lá sem que antes tenha uma reunião diária de oração de madrugada. O seminarista que faltar a duas reuniões de oração de madrugada durante o ano, não sendo por motivo justificado, não serve para ser pastor. Quando perguntei a um pastor presbiteriano por que eles oravam de madrugada, ele me respondeu que em todos os lugares do mundo as pessoas levantavam-se de madrugada para ganhar dinheiro e cuidar dos seus interesses. Eles levantam-se de madrugada para orar porque Deus é prioridade na vida deles. Visitamos a Igreja Presbiteriana Myong Song, a maior igreja presbiteriana de Seul com mais de cinqüenta e cinco mil membros. Aquela igreja tem quatro reuniões diárias de oração pela manhã. Em todas elas o templo fica repleto de pessoas sedentas de Deus. A sensação que tivemos numa dessas reuniões foi de que o céu havia descido à terra.

John Piper comenta sobre a igreja coreana:

“Nos últimos anos do século vinte, jejum e oração têm quase se tornado sinônimo das igrejas da Coréia do Sul. E há uma boa razão para isto. A primeira igreja protestante foi plantada na Coréia em 1884. Cem anos depois havia trinta mil igrejas na Coréia. Uma média de trezentas novas igrejas foram plantadas a cada ano nestes cem anos. No final do século vinte, os evangélicos já representam cerca de trinta por cento da população. Deus tem usado muitos meios para realizar essa grande obra. Entrementes, os meios mais usados por Deus têm sido a oração e o jejum”.

Thom Rainer fez uma pesquisa entre quinhentas e setenta e seis igrejas batistas dos Estados Unidos e concluiu que a oração é apontada como o fator mais importante depois da pregação para o crescimento da igreja.

“Próximo de setenta por cento das igrejas colocaram a oração como um dos principais fatores para o seu êxito evangelístico. Exceto as igrejas entre 700 e 999 membros, pelo menos sessenta por cento das igrejas de todos os tamanhos identificaram a oração como o principal fator de crescimento da igreja”.

Jejum

As escrituras enfatizam também o jejum como um importante exercício espiritual. Se desejarmos pregar com poder, o jejum não pode ser esquecido em nossa vida devocional. O jejum está presente tanto no Antigo como no Novo Testamento. Os profetas, os apóstolos, Jesus e muitos homens de Deus como Agostinho, Lutero, Calvino, John Knox, Wesley, Charles Finney, Moody e outros mais através da história, experimentaram bênçãos espirituais através do jejum. Erroll Hulse citando Martyn Lloyd Jones diz que “os santos de Deus em todos os tempos e em todos os lugares não somente creram no jejum, mas também o praticaram”.

Há um apetite por Deus em nossas almas. Deus colocou a eternidade em nossos corações e somente Ele pode satisfazer essa nossa necessidade. Se você não sente fortes desejos pela manifestação da glória de Deus, não é porque você tem bebido profundamente dos mananciais da Deus e está satisfeito. Pelo contrário, é porque você tem buscado saciar a sua alma nos banquetes do mundo.

John Piper define jejum como fome de Deus. De acordo com Piper, o maior inimigo da fome de Deus não é o veneno mortífero, mas uma torta de maçã. O maior adversário do amor de Deus não são seus inimigos, mas seus dons. E os mais mortíferos apetites não são pelos venenos do mal, mas pelos simples prazeres da terra (Lc 8.14; Mc 4.19). “Os prazeres desta vida” e os “desejos por outras coisas” não

são mal em si mesmos. Não são vícios. São dons de Deus. Mas todos eles podem tornar-se substitutos mortíferos do próprio deus em nossas vidas. O jejum revela o grau de domínio que o alimento tem sobre nós. O jejum cristão é um teste para conhecermos qual é o desejo que nos controla. Richard Foster afirma:

Mais do que qualquer outra disciplina, o jejum revela as coisas que nos controlam. O jejum é um maravilhoso benefício para o verdadeiro discípulo que deseja ser transformado na imagem de Jesus Cristo. Muitas vezes encobrimos o que está dentro de nós com comida e outras coisas.

Martyn Lloyd Jones, na mesma linha de pensamento, ensina que o jejum não pode ser entendido apenas como uma abstinência de alimento e bebida. Segundo ele, o jejum também deve incluir abstinência de qualquer coisa que é legítima em si mesma por amor de algum propósito espiritual.

O propósito de jejum não é obter o favor de Deus ou mudar a sua vontade (Is 58.1-12). Também não é para impressionar os outros com uma espiritualidade farisaica (Mc 6.16-18). Nem é para proclamar a nossa própria espiritualidade diante dos homens. Jejum significa amor a Deus. Jejuar para ser admirado pelos homens é uma errada motivação para fazê-lo. Jejum é fome pelo próprio deus e não fome por aplausos humanos (Ic 18.12). É para nos humilharmos diante da Deus (Dn 10.1-12), para suplicarmos a Sua ajuda (2 Cr 20.3; Es 4.16) e para retornarmos para deus com todo o nosso coração (Jl 2.12-12). É para reconhecermos a nossa total dependência da proteção divina (Es 8.21-23). O jejum é um instrumento para fortalecer-nos com poder divino, em face dos ataques do inferno (Mc 9.28-29).

Deus tem realizado grandes intervenções na história através da oração e do jejum de seu povo. Quando deu a lei para o seu povo, Moisés dedicou quarenta dias a oração e ao jejum no monte Sinai. Deus libertou Josafá das mãos dos seus inimigos quando ele e seu povo humilharam-se diante do Senhor em oração e jejum (2 Cr 20.3-4, 14-15, 20-21). Deus libertou o seu povo da morte através da oração e jejum da rainha Ester e do povo judeu (Es 4.16). Deus usou Neemias para restaurar Jerusalém quando este orou e jejuou (Ne 1.4). Deus usou Paulo e Barnabé para plantar igrejas no Império Romano quando eles devotavam-se à oração e ao jejum (At 13.1-4).

John Piper comenta que a oração e jejum resultaram num movimento de missões que arrancou o cristianismo da obscuridade para ser a religião dominante do Império Romano em dois séculos e meio, e hoje calcula-se que temos cerca de um bilhão e trezentos milhões de seguidores da religião cristão, com cristãos testemunhando em todos os países do mundo. Infelizmente, o jejum é um grande tesouro espiritual negligenciado pelos cristãos contemporâneos.

Os homens têm amado os dons de Deus mais do que o próprio deus. Eles tem mais fome dos dons de Deus do que de Deus. Jejum não é fome das bênçãos de deus, mas é fome do próprio Deus. John Piper diz que o jejum cristão, nasce exatamente da saudade de Deus. Ele escreve:

“Nós glorificamos a Deus quando o preferimos acima dos seus dons... Nós nos enganamos ao dizermos que amamos a Deus, mas se somos testados revelamos o nosso amor apenas por palavras e não por sacrifício... Eu realmente tenho fome de Deus? Realmente tenho saudade de deus? Ou estou satisfeito apenas com os dons de Deus?”

Devemos comer e jejuar para glória de deus (I Co 10.31). Quando nós comemos, saboreamos o emblema do nosso alimento celestial, o Pão da Vida. E quando jejuamos, dizemos, “eu amo a realidade acima do emblema”. O alimento é bom, mas Deus é melhor. “Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus” (Mt 4.4). Jesus disse, “tenho algo para comer que vocês não conhecem” (Jo 4.32). Em Samaria, Jesus satisfez sua vida não com o pão da terra, mas com o pão do céu. Deus mesmo foi o seu alimento. Isto é jejum: intimidade com Deus. A comunhão com deus deve ser a nossa mais urgente e apetitosa refeição.

John Piper sintetiza esta gloriosa realidade assim:

“Quanto mais profundamente você anda com Cristo, mais faminto você se torna dEle... mais saudade você tem do céu... mais deseja a plenitude de deus em sua vida... mais anseia pela vinda do noivo... mais aspira que a igreja seja reavivada e revestida com a beleza de Jesus. Mais você anseia por um profundo despertar da realidade de Deus em nossas cidades... mais deseja ver a luz do evangelho da glória de cristo penetrar nas trevas dos povos ainda não alcançados... mais deseja ver as falsas filosofias do mundo sendo vencidas pela verdade... mais deseja ver a dor sendo vencida, as lágrimas enxugadas e a morte destruída... mais anseia ver as coisas erradas sendo feitas corretamente e a justiça e a graça de Deus enchendo a terra como as águas cobrem o mar”.

Nós vivemos em uma geração cujo deus é o estômago (Fl 3.19). Muitas pessoas deleitam-se apenas nas bênçãos de deus e não no Deus das bênçãos. O homem tem se tornado o centro de todas as coisas. Todas as coisas são feitas e preparadas para o prazer do homem. Mas o homem não é o centro do universo, Deus é. Todas as coisas devem ser feitas para a glória de Deus. Deus deve ser a nossa maior satisfação. Quem jejua tem mais fome do pão do céu do que o pão da terra. Quem jejua tem mais saudade do Pai do que de suas bênçãos. Quem jejua confia mais no poder que vem do céu do que nos recursos da terra. Quem jejua confia mais nos recursos de deus do que na sabedoria humana. Verdadeiramente, se desejamos ver poder no púlpito, se desejamos ver pregações unguidas e cheias de vigor, se ansiamos ver o despertar da igreja e o seu crescimento numérico, precisamos, então, de pregadores que sejam homens santos e piedosos, homens de oração e jejum.

3

Fome pela Palavra de Deus

O Estudo do Pregador

É impossível ser um pregador bíblico eficaz sem uma profunda dedicação aos estudos. “O pregador deve ser um estudante”. John MacArthur diz que um pregador expositivo deve ser um diligente estudante da Escritura, o que João Calvino reforça ao dizer que o pregador precisa ser um erudito. C. H. Spurgeon escreveu que, “aquele que cessa de aprender tem cessado de ensinar. Aquele que não semeia nos seus estudos, não irá colher no púlpito”. Todavia, o pregador que estuda sempre terá sermões cheios de verdor para pregar. Charles Koller afirma que, “um pregador jamais manterá o interesse do seu povo se ele pregar somente da plenitude do seu coração e do vazio da sua cabeça”.

O pregador enfrenta o constante perigo da preguiça dentro das quatro paredes do seu escritório. A ordem do apóstolo é sumamente pertinente, “Procure apresentar-se a Deus, como obreiro que não tem do que se envergonhar e que maneja corretamente a palavra da verdade” (2 Tm 2.15). A Bíblia é o grande e inesgotável reservatório da verdade cristã, uma imensa e infindável mina de ouro. John Wesley revelou o seu compromisso com a Escritura. Ele disse, “Oh! Dá-me o livro. Por qualquer preço, dá-me o livro de Deus! Nele há conhecimento o bastante para mim. Deixe-me ser o homem de um só livro!” Spurgeon comentou a respeito de John Bunyan,

“Corte-o em qualquer lugar e você descobrirá que o seu sangue é cheio de Bíblia. A própria essência da Bíblia fluirá dele. Ele não pode falar sem citar um texto, pois sua alma está repleta da Palavra de Deus”.

O pregador precisa ler não apenas a Palavra, mas também o mundo ao seu redor; precisa ler o texto antigo e a nova sociedade à sua volta. John Stott comenta que, “devemos estudar tanto o texto antigo quanto a cena moderna, tanto a Escritura quanto a cultura, tanto a Palavra quanto o mundo”,

Martyn Lloyd Jones recomenda que cada pregador deve ler toda a Bíblia pelo menos uma vez por ano. Ao mesmo tempo ele aconselha:

“Não leia a Bíblia apenas para encontrar textos para sermões, mas leia-a porque é o próprio alimento que Deus providenciou para a sua alma, leia porque é a Palavra de Deus, porque é o meio pelo qual você conhece a Deus. Leia-a porque é o pão da vida e o maná providenciado para alimentar a sua alma bem como todo o seu ser”.

Além da Bíblia, todo pregador deve ser um sério estudante de teologia enquanto viver. Deve também estudar história da igreja, biografias, apologética, bem como outros tipos de leituras. O pregador deve se inteirar da história da igreja, porque a história é a grande intérprete da providência e da Escritura.

W. A. Criswell, um dos maiores pregadores expositivos da atualidade, pastor da Primeira Igreja Batista de Dallas, uma igreja com mais de vinte mil membros, diz que o púlpito requer estudo constante, sem o que nenhum pregador pode atender as necessidades do seu povo. Nenhum homem pode atender as demandas de um púlpito de ele não estuda constante e seriamente. Como um pregador que expôs toda a Bíblia, de Gênesis a Apocalipse em sua igreja, Criswell alerta que o ministro deve ser um estudante em todo lugar. Ele deve consagrar uma parte específica de cada dia para dedicar-se severa e sistematicamente ao estudo privativo. O pregador precisa estar cheio da verdade de Deus, porque se a mensagem tem um pequeno custo para o pregador, ela também terá um pequeno valor para a congregação. Criswell faz sua avaliação sobre a pregação contemporânea:

“Não há dúvida de que a maioria dos sermões tem sido ralo como uma sopa feita dos mesmos ossos durante o ano inteiro. Muitos pregadores usam clichês vazios de significado. A mensagem de muitos púlpitos tem sido banal e comum. Muitos pregadores estão cansados da sua própria maneira de pregar, visto que eles mesmos não têm fogo, nem entusiasmo, nem zelo, nem expectativa. Nossa pregação precisa alcançar continuamente nova profundidade em graça e em verdade e nova altitude de frescor em conteúdo. Sem esta firme e consistente apresentação do ensino da Santa Palavra de Deus, nosso povo cairá em toda sorte de erro, em muitas conhecidas heresias, e se tornará presa fácil de qualquer demagogia eclesiástica que flutue no mercado religioso”.

Deus mesmo prometeu dar pastores à sua igreja: “eu lhes darei governantes (pastores) conforme a minha vontade, que os dirigirão com sabedoria e com entendimento” (Jr 3.15). Se os pastores não forem homens de conhecimento, jamais poderão realizar o seu ministério de ensino e instrução ao povo de Deus. O conhecimento de que fala o profeta Jeremias refere-se tanto ao conhecimento da mente como o conhecimento do coração. É o conhecimento da verdade cristã aliado à experiência cristã. É impossível ter graça no coração sem luz na cabeça. É impossível ter experiências gloriosas sem o conhecimento das Escrituras. O conhecimento do coração sem o conhecimento da mente não faz sentido. O conhecimento apenas da mente sem piedade produz aridez. A experiência sem conhecimento produz emocionalismo e misticismo. Isto é como fogo sem calor, é inútil. John Shaw declara que,

“Os ministros segundo o coração de Deus, em vários aspectos são aqueles que tem uma mente cheia de conhecimento e um coração cheio de graça. Para um ministro alimentar os seus ouvintes com conhecimento e inteligência sem ser ele mesmo um homem com conhecimento e inteligência, seria tão impossível como ver sem os olhos ou ouvir sem os ouvidos”.

Infelizmente, há muitos pregadores despreparados no púlpito. Jay Adams comenta:

“Boa pregação exige trabalho árduo. De tanto ouvir sermões e falar com centenas de pregadores sobre pregação, estou convencido de que a principal causa da pobre pregação dos nossos dias é o fracasso dos pregadores em dedicarem tempo adequado, mais empenho e energia na preparação, talvez até mesmo a maioria deles, simplesmente não investe tempo suficiente em seus sermões”.

Nós vivemos em um tempo de pregação pobre, aguada e mal-preparada. O pregador não pode viver se alimentando de leite magro durante a semana e querer pregar “leite tipo A” no domingo.

Muitos pregadores não têm lidado corretamente com a Palavra de Deus. Muitos têm até mesmo distorcido a mensagem de Deus. Outros ainda têm mercadejado as Escrituras. Não poucos têm furtado a própria palavra de Deus e pregado filosofias humanas, doutrinas de homens, visões e sonhos de seus próprios corações. Muitos pregadores têm dado pedra em vez de pão ao povo de Deus. Outros têm dado palha em vez de pastos suculentos para o rebanho de Cristo. Há ainda

aqueles que têm dado ao povo de Deus veneno e não alimento, serpentes e não peixes para suas refeições espirituais.

O Brasil tem experimentado um explosivo crescimento das igrejas evangélicas, especialmente as neo-pentecostais. Embora muitas pessoas sejam alcançadas, a maioria delas não tem recebido um ensino fiel e consistente das Escrituras. Temos visto o sincretismo religioso prevalecendo em muitos púlpitos evangélicos. O misticismo tem prosperado largamente no solo brasileiro. Como resultado, temos visto uma geração analfabeta da Bíblia. Muitas pessoas procuram milagres e coisas extraordinárias, mas não o conhecimento da Palavra de Deus. Elas buscam experiência, mas não conhecimento. Estão obcecadas por prosperidade e cura e não pela salvação. Estão à procura da luz interior, mas não da verdade. As pessoas hoje desejam sentir-se bem, mas não ser confrontadas pela Palavra de Deus. Infelizmente, muitos pregadores que brandem a espada do Espírito não sabem usá-la com destreza. Carregam a Bíblia, mas desconhecem o seu conteúdo. Pregam-na, mas distorcem sua mensagem. Elas lêem a Bíblia, mas não a interpretam com acuidade. Tais pregadores ensinam a Bíblia, mas apenas para reforçar seus interesses inconfessos. Usam-na contra ela mesma. Assim, pregam não a Bíblia, mas os pensamentos enganosos de seus próprios corações.

Por outro lado, há também pregadores liberais. O liberalismo, fruto do racionalismo e do iluminismo, tem entrado nos seminários, tem subido às cátedras das escolas de teologia e conduzido milhares de estudantes à apostasia. Estes, arrotando uma falsa erudição, sobem no púlpito, mas seus lábios destilam veneno mortífero. Sonegam a Palavra de Deus ao povo e colocam-se acima dela. Eles dão mais valor à tresloucada sabedoria humana do que à verdade eterna de Deus. O liberalismo nega a inerrância, a infalibilidade e a suficiência das escrituras. O liberalismo é um veneno mortífero. Onde ele chega, destrói a igreja. O liberalismo tem matado muitas igrejas ao redor do mundo. O liberalismo tem fechado muitas igrejas. Eu mesmo já visitei muitos templos vazios nos Estados Unidos, Canadá e em vários países da Europa, onde o rebanho de Deus foi disperso por causa do liberalismo teológico. O pernicioso ensino do liberalismo tem dispersado o rebanho de Deus onde quer que ele chega. Onde o liberalismo prevalece, a igreja morre. Devemos rejeitar e combater o liberalismo com todas as nossas forças. Tanto o misticismo quanto o liberalismo são perniciosos. Ambos devem ser confrontados com a Palavra de Deus. Ambos se desviaram das Escrituras. Ambos são um estorvo para o crescimento saudável da igreja.

Mais do que nunca estamos precisando retornar ao princípio da reforma do *Sola Scriptura*. Os ministros precisam estudar as escrituras com mais intensidade e acuidade. O pregador precisa ter fome da Palavra de Deus (Am 8.11). Somente a pregação da Palavra de Deus pode levar a igreja à maturidade e pode produzir os frutos que glorificam a Deus. A Palavra de Deus é eterna, não muda, não se torna ultrapassada nem desatualizada. Ela foi o instrumento que Deus usou para trazer grandes reavivamentos na história. A Palavra de Deus produziu a reforma nos dias do rei Josias. Semelhantemente, a Palavra de Deus trouxe vida a Israel quando a nação estava como um vale de ossos secos. A Palavra de Deus produziu uma grande restauração nos dias de Esdras e Neemias. Em Jerusalém, o reavivamento espalhou-se quando a Palavra de Deus foi proclamada sob o poder do Espírito Santo. Quando a Palavra de Deus foi proclamada pelos crentes, o reavivamento espalhou-se para além das fronteiras de Jerusalém (At 8.1-4). O reavivamento de Éfeso foi o resultado do crescimento da Palavra de Deus (At 19.20). Em Tessalônica, o grande despertar ocorreu como resultado da proclamação da Palavra de Deus (I Ts 1.5-8). A Reforma do século XVI foi um retorno às Escrituras. Os grandes reavivamentos da história foram uma restauração da centralidade das Escrituras. O cristianismo é a religião de um único livro. A sublime, mais importante e urgente tarefa do pregador é devotar-se, ele mesmo, ao estudo, a observância e pregação da Palavra de Deus (Es 7.10).

Infelizmente, a tendência contemporânea está inclinada a remover a centralidade da Palavra de Deus em favor da liturgia. O culto está sendo transformado

num festival musical, em que o som e as cores tomaram o lugar do púlpito; os cantores tomaram o lugar do pregador e a performance o lugar da unção. A falta de atenção à pregação da Palavra é um sinal da superficialidade da religião em nossos dias. “Sermãozinhos geram cristãozinhos”.

“Um cristianismo de sermões pequenos é um cristianismo de fibra pequena”. Nós devemos orar para que os pregadores sejam homens da Palavra! Os pregadores precisam desesperadamente retornar à Palavra de Deus. Todo pregador precisa ter paixão pela Palavra de Deus. Ele deve lê-la, conhecê-la, obedecê-la e pregá-la com autoridade e no poder do Espírito Santo.

4

Unção

A ação do Espírito Santo

Sem a presença, a obra, o poder e a unção do Espírito Santo a igreja será como um vale de ossos secos. Sem a obra do Espírito Santo não haverá pregação, não haverá pessoas convertidas e também não haverá crescimento saudável da igreja. A obra do Espírito Santo é tão importante quanto a obra da redenção que Cristo realizou na cruz. Somente o Espírito Santo pode aplicar a obra de Deus no coração do homem. Somente o Espírito Santo pode transformar corações e produzir vida espiritual. “Nenhuma eloquência ou retórica humana poderia convencer homens mortos em seus delitos e pecados acerca da verdade de Deus”. Charles Spurgeon declara:

“Se eu me esforçasse para ensinar um tigre a respeito das vantagens de uma vida vegetariana, teria mais esperança em meu esforço do que tentar convencer um homem que ainda não nasceu de novo acerca das verdades reveladas de Deus concernentes ao pecado, à justiça e ao juízo vindouro. Essas verdades espirituais são repugnantes aos homens carnis, e uma mente carnal não pode receber as coisas de Deus”.

Sem a unção do Espírito Santo nossos sermões tornar-se-ão sem vida e sem poder. É o Espírito quem aplica a Palavra e ela não opera á parte do Espírito. Na mesma linha de raciocínio Spurgeon dá o seu conselho aos pregadores: “Nós devemos depender do Espírito em nossa pregação”. Spurgeon sempre subia os quinze degraus do seu púlpito dizendo, “eu creio no Espírito santo”. Jay Adams diz que o Espírito Santo transforma tanto o pregador quanto a sua pregação. Arturo Azudia sabiamente declara:

“O alvo da pregação é diferente de qualquer outro discurso público. O sermão tem objetivos mais profundos. Ele pode, mediante o poder do Espírito, renovar e purificar os corações. Se ele falhar nesse intento, terá fracassado completamente. E ele sempre falhará se não for acompanhado do poder do alto. A renovação da alma é o que nenhum homem com toda a sua riqueza de aprendizado, erudição e poder de comunicação pode fazer. Essa obra não é feita nem por força, nem por poder, mas pelo Espírito de Deus”.

Conhecimento é importante, mas não é suficiente. Conhecimento, embora seja vital, nada pode fazer sem a unção do Espírito Santo. Você pode ter conhecimento e pode ser meticuloso em sua preparação, mas se não tiver a unção do Espírito, não terá poder e suas pregação não será eficaz.

A unção vem através de uma vida de oração. Outras coisas preciosas são dadas ao pregador através da oração e de outras coisas, mas a unção vem somente de uma vida de oração. Nada revela tanto a pobreza das nossas orações em secreto quanto a ausência da unção do Espírito em nossas vidas e pregação. Uma pregação bonita, retoricamente bem elaborada, exegeticamente meticulosa, teologicamente consistente geralmente revela a erudição e a capacidade do pregador. Mas somente a unção do Espírito Santo revela a presença de Deus. À parte da capacitação do Espírito Santo no ato da proclamação, a melhor técnica retórica fracassará totalmente em seu objetivo de transformar aqueles a quem nós pregamos.

Todas as coisas em seu ministério de pregação dependem da presença, do poder e da plenitude do Espírito. A eloquência pode ser aprendida, mas a unção precisa ser recebida do alto. Os seminários podem ensinar os estudantes a ser grandes oradores, mas somente o Espírito Santo pode capacitá-los a ser pregadores cheios do poder. Livros de homilética podem ajudar os pregadores a preparar melhor os seus sermões, mas somente o Espírito Santo pode preparar eficazmente os pregadores. “Unção não se aprende através de retórica. Ela não é conseguida através da imitação de outros pregadores. Somente o Espírito Santo pode conceder unção ao pregador”. Unção representa a efusão do Espírito. Isto não é idêntico à mera animação. Toda paixão do pregador não constitui unção. Assim como os santos sentimentos sugerem uma obra interior do Espírito, a unção enfatiza a manifestação externa do revestimento de poder. A unção é o Espírito Santo descendo sobre o pregador de forma especial, capacitando-o com poder, de tal maneira que ele realiza a obra da pregação de forma tão elevada, que ele passa a ser usado pelo Espírito e se transforma em um canal através de quem o Espírito Santo opera.

Não é bastante apenas pregar sobre o poder, é preciso experimentá-lo. Não é suficiente apenas falar acerca das coisas extraordinárias, é necessário viver uma vida extraordinária. Não é suficiente apenas pregar aos ouvidos, é necessário também pregar aos olhos. Os ouvintes têm ouvido dos pregadores grandes sermões, mas não têm visto grandes obras em suas vidas. Pregador sobre o poder do Espírito Santo é uma coisa, viver poderosamente sob a unção do Espírito é outra completamente diferente. Uma coisa é ter o Espírito como residente, outra é tê-lo como presidente. Uma coisa é possuir o Espírito, outra é ser possuído por Ele. Uma coisa é ser habitado pelo Espírito Santo, outra coisa é ser cheio do Espírito. Quando o Espírito Santo foi derramado no Pentecoste, os discípulos receberam poder para testemunhar (At 1.8). Sem poder não há testemunho. Um poderoso testemunho demonstra evidências. Jesus enviou esta mensagem para João Batista, quando este estava assaltado por dúvidas na prisão:

“Jesus respondeu: ‘Voltem e anunciem a João o que vocês estão ouvindo e vendo: os cegos vêem, os mancos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e as boas novas são pregadas aos pobres’” Mateus 11.4-5.

Deus fez grandes coisas através de Filipe em Samaria. Filipe pregou aos ouvidos e aos olhos também. O povo não apenas ouviu, mas também viu as maravilhas que Deus realizara através de Filipe. O evangelista Lucas relata:

“Indo Filipe para uma cidade de Samaria, ali lhes anunciava o Cristo. Quando a multidão ouviu Filipe e viu sinais miraculosos que ele realizava, deu unânime atenção ao que ele dizia. Os espíritos imundos saíram de muitos, dando gritos, e muitos paralíticos e mancos foram curados. Assim, houve grande alegria naquela cidade” Atos 8.5-8.

Semelhantemente, o apóstolo Paulo pregou sob a influência e poder do Espírito Santo. Ele mesmo testemunha, “porque o nosso evangelho não chegou a vocês somente em palavra, mas também em poder, no Espírito Santo e em plena convicção. Vocês sabem como procedemos entre vocês, em seu favor” (I Ts 1.5). À igreja de Corinto, Paulo diz, “minha mensagem e minha pregação não consistiram de palavras persuasivas de sabedoria, mas consistiram de demonstração do poder do Espírito” (I Co 2.4).

Jesus dependeu do Espírito Santo desde a sua concepção e nascimento (Lc 1.35) até a sua morte na cruz (Hb 9.14) e durante todo o seu ministério (At 10.38). Ele admoestou os seus discípulos a não começarem o ministério até que fossem primeiramente revestidos com o poder do alto (Lc 24.49). A igreja de Atos capítulo um é a igreja de portas fechadas. A descrição daquela igreja é bem parecida com a maioria das igrejas é bem parecida com a maioria das igrejas hoje: gostam da comunhão, das orações, do estudo da palavra, da eleição e de oficiais. Mas quando o Espírito Santo desceu sobre os crentes no dia do Pentecoste, as portas foram abertas e a igreja de Deus começou a impactar a cidade e o mundo.

As escrituras repetidamente revelam a estreita conexão entre a vinda do Espírito Santo e a subsequente proclamação da Palavra de Deus (Nm 11.29; 2 Sm 23.2; 2 Cr 24.20; Ne 9.30; Ez 11.5). No livro de Atos, Lucas menciona o poder do Espírito Santo em conexão com o testemunho do evangelho pelos discípulos (1.8; 2.1-14; 4.8; 4.31; 6.3,8,10; 8.4-8; 9.17-22; 11.24-26; 13.1-5,9-12).

Muitos pregadores e igrejas têm perdido a unção do Espírito Santo. Muitas igrejas têm influencia política, riqueza, erudição, boa organização, belos templos, sofisticada tecnologia, eruditos pastores, mas não têm poder. A obra de Deus não é realizada através da força e da inteligência humana, mas através do poder do Espírito Santo (Zc 4.6).

Os pregadores geralmente recusam-se a admitir que estão vazios do poder de Deus. Contudo, como eles querem impressionar as pessoas, buscam substitutos para esse poder, comprando um novo sistema de som para a igreja, modificando a liturgia do culto para provocar impressões mais fortes no auditório, introduzindo novos programas para substituir a ineficácia da pregação, pregando sermões mais curtos, dando maior ênfase à performance dos grupos musicais. Alex Montoya comenta que essas coisas não substituem a falta da presença e operação do Espírito Santo em nossas vidas. Elementos artificiais não podem dar vida a um sermão morto pregado por um pregador. "Cuidadosa preparação e a unção do Espírito Santo jamais devem ser consideradas como alternativas, mas como duas coisas absolutamente necessárias que se completam uma à outra".

O grande evangelista Dwight Moody recebeu uma unção especial para pregar a Palavra de Deus depois de duas humildes mulheres metodistas oraram por ele em Chicago. Elas lhe disseram: "Você precisa do poder do Espírito Santo". Então ele pediu às mulheres para orarem com ele e não simplesmente por ele. Pouco tempo depois as orações daquelas mulheres foram respondidas, quando Moody estava em Nova York. O próprio Moody relata a sua experiência:

"Eu estava clamando o tempo todo para que Deus me unguisse com o seu Espírito. Bem, um dia, na cidade de Nova York – oh, que dia! Eu não posso descrevê-lo... Eu posso somente dizer que Deus revelou-se a mim e tive tal experiência do seu amor que precisei pedir-lhe para suspender a sua mão sobre mim. Depois desse dia continuei pregando. Os sermões não eram diferentes; eu não preguei nenhuma nova verdade, mas centenas de pessoas eram convertidas. Se alguém me oferecesse o mundo inteiro para eu voltar a viver do mesmo jeito que vivia antes dessa abençoada experiência, desprezaria essa proposta e a consideraria apenas como pó em uma balança".

O que Deus fez na vida de muitos pregadores no passado como Lutero, Calvino, Hugh Latimer, John Bradford, George Whitefield, John Wesley, Howel Harris, Daniel Howland, Jonathan Edwardas, Dwight Moddy e outros, ele pode fazer novamente. Martyn Lloyd Jones escreve sobre a urgente necessidade de procurarmos o Espírito Santo e o seu poder. Ele diz:

"O que faremos diante dessas coisas? Só existe uma conclusão óbvia. Procuremos o Espírito Santo! Procuremo-lo! O que poderíamos fazer sem ele? Procuremo-lo! Procuremo-lo sempre. Mas devemos ir além de procurá-lo; devemos esperá-lo... A unção do Espírito é a nossa suprema necessidade. Procuremo-la até a encontrarmos. Não se contente com nada menos do que a unção do Espírito. Prossiga

até você poder dizer, 'a minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e poder'. Deus é e sempre será poderoso para fazer infinitamente mais do que pedimos ou pensamos conforme o seu poder que opera em nós”.

5

Paixão

Lógica em fogo

*P*regação é lógica em fogo! Pregação é razão eloqüente! Pregação é teologia em fogo, é teologia vinda através de um homem que está em fogo. John Stott comenta que Martyn Lloyd Jones colocou o dedo sobre um ponto crucial. Para que a pregação tenha fogo, o pregador precisa ter fogo e este fogo só pode vir do Espírito Santo. Os nossos sermões jamais pegarão fogo a menos que o fogo do Espírito Santo queime em nossos próprios corações. “Quando estivermos apaixonados por Deus, nossa pregação será cheia de paixão”. A luz e o fogo, a verdade e a paixão devem andar juntos. Quando Jesus expôs a verdade aos discípulos no caminho de Emaús seus corações foram inflamados e começaram a arder (Lc 24.32).

Nenhum homem pode ser um grande pregador sem grandes sentimentos. O biógrafo John Pollock escrevendo sobre a vida de George Whitefield diz que ele raramente pregava um sermão sem lágrimas nos olhos. Igualmente, Moody raramente falava a uma alma perdida sem lágrimas em seus olhos. O pregador deve ser um homem de coração quebrantado pregando para homens de corações quebrantados. Richard Baxter entendeu a pregação como uma apaixonante e urgente tarefa. Dizia ele: “Eu prego como se jamais fosse pregar novamente; eu prego como se estivesse morrendo, para homens que estão morrendo”. É impossível pregar efetivamente e eficazmente a Palavra de Deus sem paixão. “Pregação sem paixão não é pregação”.

Um pregador, certa feita, perguntou a Macready Garrick, um grande ator inglês, como ele poderia atrair grandes multidões para assistir a uma ficção, enquanto ele estava pregando a verdade e não ajuntava grandes multidões para ouvi-lo. O ator respondeu: “Isto é simples. E posso explicar-lhe a diferença que existe entre nós. É que eu apresento a minha ficção como se fosse verdade; e você apresenta a sua verdade como se fosse ficção”. John Etter comenta:

“Entendemos a realidade da nossa pregação – pecado e salvação, céu e inferno, imortalidade e responsabilidade humana? O jurista, o legislador e o homem de estado não têm tais temas; no entanto eles são geralmente mais eloqüentes do que nós. O púlpito é envergonhado com a eloqüência superior das barras dos tribunais”.

Como pregadores precisamos pregar com profunda convicção e paixão. Nós devemos crer profundamente na mensagem que pregamos. Nós devemos colocar o nosso coração em nossa pregação. As pessoas podem até rejeitar a nossa pregação, mas jamais duvidar da nossa sinceridade. John Stott comenta o seguinte fato:

“David Hume era um filósofo deísta, britânico do século XVIII, que rejeitou o cristianismo histórico. Certa feita um amigo o encontrou apressado caminhando pelas ruas de Londres e perguntou-lhe aonde estava indo. Hume respondeu que estava indo ouvir George Whitefield pregar. ‘Mas certamente’, seu amigo perguntou atônito, ‘você crê no que George Whitefield prega, crê?’ ‘Não, eu não creio’, respondeu Hume, ‘mas ele crê’”.

A pregação apaixonada deve ser feita com o coração em chamas, pois não é um ensaio lido para um auditório desatento. A pregação é uma confrontação em nome do próprio Deus Todo-Poderoso. Ela precisa ser anunciada com uma alma em chamas, na autoridade do Espírito Santo. A.W. Criswell cita John Wesley, “Ponha fogo no seu sermão, ou ponha o seu sermão no fogo”.

Somente um pregador revestido com paixão pode ser um poderoso instrumento nas mãos de Deus para produzir impacto nos corações. John Stott cita Chad Wash: “A verdadeira função do pregador é incomodar as pessoas que estão acomodadas e acomodar as que estão incomodadas”. John Milton disse que “o propósito da pregação é quebrar os corações duros e curar os corações quebrados”. O pregador deve ser um filho do trovão e um filho da consolação e, geralmente ambos no mesmo sermão.

Geoffrey Thomas diz que um dos grandes perigos que os pregadores enfrentam na fé reformada é o problema do hiper-intelectualismo. Mas é preciso enfatizar que uma pregação intelectual não é uma pregação sem paixão. Na verdade, uma pregação intelectual e bem elaborada faz a verdade simples. Montoya observa com muita clareza que:

“Nós necessitamos de paixão em nossa pregação. O pregador bíblico e conservador precisa estar absolutamente consciente da necessidade de equilíbrio entre a sólida exposição e a apaixonada apresentação da exposição. Como nós pregamos o sermão é tão importante quanto o que nós pregamos”.

Um pregador sem paixão cria uma audiência sem paixão. A falta de paixão e de vida nos sermões põe o povo para dormir em vez de despertá-lo. Montoya ilustra:

“Um pregador olhando para o seu auditório durante a sua prédica, observou que um senhor idoso estava dormindo enquanto ele pregava. Então, disse para o jovem garoto que estava sentado perto do ancião sonolento: ‘Menino, você poderia fazer a gentileza de acordar o seu avô que está dormindo ao seu lado?’ O menino prontamente respondeu: ‘Por que o senhor mesmo não o acorda, já que foi o senhor quem o colocou para dormir?’”.

É chegado o tempo de restaurarmos a pregação ao seu lugar de absoluta primazia. Deus requer uma pregação ungida, apaixonada, inflamada pelo fogo do Espírito. O mundo carece desesperadamente de pregações cheias de vigor e paixão. Não há espaço no púlpito para pregadores frios, sem vida e sem paixão. O púlpito sem poder endurece o coração dos ouvintes. Um pregador sem paixão é uma contradição de termos. O pregador sem o calor do Espírito deveria recolher-se ao silêncio até que as chamas voltassem a arder em seu coração. Quando perguntaram a Moody, como começar um reavivamento na igreja, ele respondeu: “acenda uma fogueira no púlpito”. O pregador pode ser uma bênção na igreja ou será uma maldição. Neutro ele não pode ser. Nós devemos glorificar a Deus através de uma pregação bíblica, fiel, ungida, cheia de paixão, com maior senso de urgência para a salvação dos perdidos e para a edificação dos santos. Finalizando, veja a ilustração de Charles Spurgeon:

“Um homem foi soterrado acidentalmente por uma barreira que desabou e muitos estavam cavando energeticamente para libertá-lo. No local estava alguém indiferente, apenas contemplando o drama, quando foi informado: ‘É seu irmão que está lá embaixo’. Estas palavras operaram nele uma imediata mudança; no mesmo instante pôs-se a trabalhar febrilmente para resgatá-lo. Se realmente desejamos salvar os nossos ouvintes da ira vindoura, é preciso que sintamos simpatia, compaixão e ansiedade; numa frase: paixão e amor ardente. Que Deus nos conceda tais sentimentos”.

Conclusão

*D*e depois de percorrer todo o Brasil, de pregar em centenas de igrejas de várias denominações no Brasil e no exterior, depois de ouvir pastores e membros das igrejas, depois de analisar cuidadosamente a situação da igreja evangélica brasileira, estou convencido de que a nossa maior necessidade é uma profunda restauração espiritual na vida dos pastores e pregadores. Como pastores não podemos nos acostumar com o sagrado ao ponto de perdermos a sensibilidade com as coisas de Deus. Como pastores não podemos ler a Bíblia apenas como profissionais de pregação. Como pastores não podemos apenas apascentar o rebanho sem nutrir a nossa própria alma. É mister que os pastores voltem ao seu primeiro amor, que restaurem o altar da vida devocional, que deixem de lado as coisas urgentes e comecem a gastar tempo com o que é importante. É necessário que os pastores se consagrem à oração e ao ministério da Palavra. É importante que os pastores se tornem urgentemente reparadores de brechas, homens de lágrimas, que chorem por si mesmos e pelo povo de Deus. É preciso que os pastores sejam santos, piedosos de almas, prontos a viver e a morrer pela causa do Evangelho.

Bancos sem oração fazem púlpito em poder. É de vital importância que os crentes não apenas recebam instrução de seus pastores, mas também que intercedam incansavelmente por eles. Os crentes precisam amar os seus pastores, assisti-los, encoraja-los e obedecer-lhes para que não façam a obra de Deus gemendo. Que Deus nos dê a alegria de ver um tempo de restauração em nossas igrejas, começando por seus pastores!

Veja mais e-books Gospel em: www.ebooksgospel.com.br